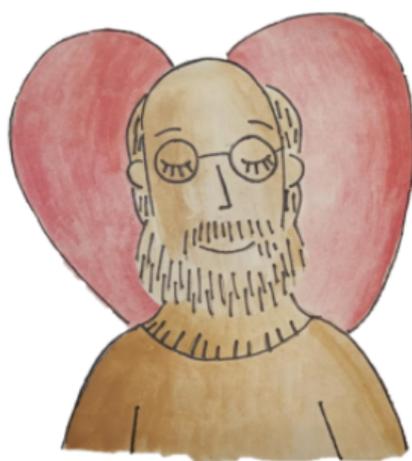


UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO

CATALOGANDO IDEIAS

VOLUME 7

Prefácio de Walter Kohan



Viviane de Bona
Catarina Carneiro Gonçalves
André Ferreira
Janaina Maria da Silva
Rafaela Carneiro Pinheiro
Súsaný Suellen Souza da Fonseca
Victória Guilherme Pereira Silveira
Virgínia Renata Vilar da Silva



Edição Especial
Centenário de Paulo Freire

Elaboração do Catalogando Ideias

Docentes da UFPE:

André Ferreira

Catarina Carneiro Gonçalves

Viviane De Bona

Estudantes da UFPE:

Janaina Maria da Silva – Licenciatura em Pedagogia

Rafaela Carneiro Pinheiro – Licenciatura em Pedagogia

Súsany Suellen Souza da Fonseca – Licenciatura em Pedagogia

Victória Guilherme Pereira Silveira – Graduada em Letras/Português

Virgínia Renata Vilar da Silva – Mestranda em Educação PPGE/CE

Convidado

Walter Kohan – UERJ

CATALOGANDO IDEIAS

V. 7

Recife

Centro de Educação da UFPE

2021



Disponível também em: <https://ficadicadoce.wordpress.com/>
e <https://attena.ufpe.br>

Catálogo na fonte:
Bibliotecária Katia Maria Tavares da Silva, CRB4-1431

C357 **Catalogando ideias [recurso eletrônico] / Viviane de Bona... [et al.]. – Recife : Centro de Educação da UFPE, 2021.**

Catalogando idéias ; v. 7
Conteúdo: v.7 Catalogando ideias, Apresentação da coleção, Prefácio, Memórias da infância: Freire por Freire, Freire para crianças: Glossário Freireano para a Educação, Paulo Freire e os Direitos de Aprendizagem das Crianças.
A publicação é uma proposta dentro das Ações do Centro de Educação da UFPE em homenagem ao Centenário de Paulo Freire.
Disponível em: <https://ficadicadoce.wordpress.com/> e <https://attena.ufpe.br/>
ISBN 978-65-00-36305-0 (v. 7 : online)
ISBN 978-65-00-36379-1 (v. 7 : broch.)

1. Freire, Paulo. 2. Educação de crianças. 3. Educação popular. I. Gonçalves, Catarina Carneiro. II. Ferreira, André. III. Título.

370 CDD (22.ed.)

Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Educação

Reitor

Alfredo Macedo Gomes

Direção do Centro de Educação

Ana Lúcia Felix dos Santos

Vice-Reitor

Moacyr Cunha de Araújo Filho

Vice-Diretora

Tatiana Cristina dos Santos de Araújo

Diagramação: Viviane de Bona

Capa e Ilustração: Victória Guilherme Pereira Silveira

Revisão textual: Ana Beatriz Freire de Almeida e Maria Eduarda Genuino de Albertin

Normalização: Ana Sara Pereira de Melo Sobral e Katia Maria Tavares da Silva

Apoio: PROPG e PROEXC/UFPE

Centro de Educação – Avenida Acadêmico Hélio Ramos, S/N 50.670-901- Cidade Universitária – Recife-Pernambuco



SUMÁRIO

1	CATALOGANDO IDEIAS.....	5
1.1	Apresentação da coleção.....	5
1.2	Catalogando com Freire: o educador do amor.....	7
2	PREFÁCIO.....	10
3	MEMÓRIAS DA INFÂNCIA: FREIRE POR FREIRE.....	13
3.1	Nossas memórias e a de Freire: pedagogias dos quintais.....	14
4	FREIRE PARA CRIANÇAS: GLOSSÁRIO FREIREANO PARA A EDUCAÇÃO.....	20
4.1	Autonomia	21
4.2	Círculo de Cultura.....	22
4.3	Conscientização e diálogo.....	23
4.4	Cultura.....	24
4.5	Educação Bancária.....	25
4.6	Educação.....	26
4.7	Escola.....	27
4.8	Ensinar	28



4.9	Inacabamento.....	29
4.10	Liberdade.....	30
4.11	Opressão.....	31
4.12	Professora/professor.....	32
5	PAULO FREIRE E OS DIREITOS DE APRENDIZAGEM DAS	
	CRIANÇAS.....	33
5.1	Direito de conviver.....	36
5.1.1	Brincadeira: o desenho mais bonito do mundo.....	38
5.2	Direito de participar.....	40
5.2.1	Brincadeira: estações dos sentimentos.....	42
5.3	Direito de brincar.....	44
5.3.1	Brincadeira: amarelinha.....	45
5.4	Direito de se conhecer.....	47
5.4.1	Brincadeira: somos todos diferentes.....	49
5.5	Direito de explorar.....	50
5.5.1	Brincadeira: carimbando com a natureza.....	51
5.6	Direito de Se Expressar.....	53
5.6.1	Brincadeira: releitura.....	54
	REFERÊNCIAS.....	56



1 CATALOGANDO IDEIAS

1.1 Apresentação da coleção

O **Catalogando Ideias** nasceu com a proposta de favorecer atividades brincantes para crianças e adultos praticarem em família, durante o período de isolamento social necessário devido à pandemia da covid-19. Com o desejo de possibilitar melhoria na qualidade interacional entre adultos e crianças, compusemos um grupo de docentes, técnicos(as) e estudantes dos cursos de Licenciatura do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Estes(as), de modo colaborativo, propuseram ideias para que diversas pessoas pudessem realizar novas experiências em suas casas, considerando sempre o caráter lúdico necessário à convivência.

A ideia central das propostas não buscou transformar pais e mães em professores(as) de seus(suas) filhos(as), agindo como se nada estivesse acontecendo. Pelo contrário, buscamos oferecer alternativas de natureza lúdica, com o objetivo de possibilitar que, nos lares, fosse assegurado o direito das crianças de vivenciarem suas infâncias, apesar do necessário distanciamento social. Acreditamos que, através desse movimento de valorização da ludicidade na infância e das interações entre as famílias, colaboramos para a construção de um clima menos tenso, favorecendo a melhoria da qualidade da relação adulto-criança e, conseqüentemente, a saúde mental de todos(as).

Esperamos que as ideias catalogadas em todos os nossos volumes tenham ajudado as famílias a cuidar, sobretudo, do desenvolvimento global das crianças e do respeito à infância, compreendendo as dimensões física, cognitiva, afetiva, moral e relacional dos pequenos e das pequenas.

Por essa razão, no primeiro volume desse material, abordamos propostas que exploravam as múltiplas dimensões das crianças. No segundo volume, trouxemos experiências brincantes,



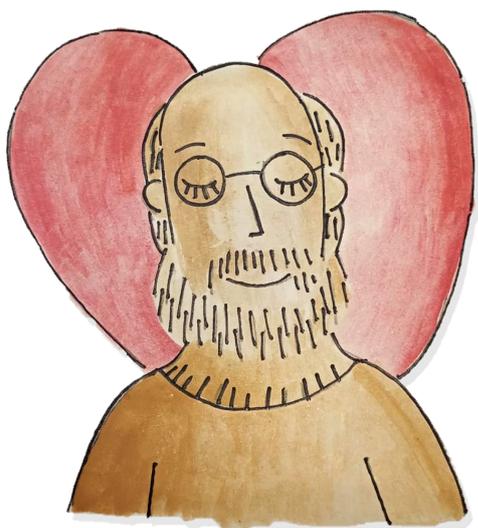
levando em conta a memória afetiva dos adultos. No terceiro volume, exploramos os espaços físicos das casas e suas potencialidades brincantes. No quarto volume, propusemos brincadeiras, costumes, crenças e conhecimentos populares repassados de geração para geração. No quinto volume, abordamos a meditação como possibilidade de as crianças se aproximarem das próprias emoções, explorando brincadeiras centradas em ações de autocuidado e na arte. O sexto volume, último da coleção do ano de 2020, apresentou textos brincantes, reconhecendo que a literatura pode ser uma forma interessante de brincar com as palavras, com as imagens, com os enredos, com a fantasia e com a imaginação. Foram oferecidas algumas propostas lúdicas que pudessem ser feitas a partir do texto, considerando as possibilidades que a boa leitura potencializa.

Neste volume especial, editado em 2021, homenageamos o nosso patrono da Educação – Paulo Freire – em comemoração ao centenário de seu nascimento. Partimos, nesta homenagem, das lembranças infantis generosamente narradas por Paulo Freire em diversas de suas obras, compreendendo que uma mangueira, um quintal e uma família atenta e amorosa para aquilo que se é podem ser muito revolucionários e libertadores para as crianças. Unimos suas reflexões a nossas ideias, preparamos um glossário com conceitos-chave para a compreensão de seus escritos e abordamos os direitos de aprendizagem das crianças, que asseguram a justiça de viver a infância, sugerindo algumas brincadeiras que reconhecem essa essência. Junto a Freire, nesta singela homenagem, declaramos nosso amor pela infância e pelas crianças!



1.2 Catalogando com Freire: o educador do amor

Reconhecendo que brincar e experimentar momentos lúdicos em casa é o que há de mais importante, durante a quarentena, em 2020, docentes, técnicos(as) e estudantes do CE se reuniram para **CATALOGAR IDEIAS.**



Nesta edição especial, elaborada em homenagem ao centenário de Paulo Freire, nos apoiamos no próprio desejo do educador que, conforme expõe Brandão (2014), antes de partir dessa vida, afirmou: “gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a água, a vida!” (BRANDÃO, 2014, p. 48). E completamos: alguém que amou as crianças...

Escolhemos começar falando das memórias, pois acreditamos que os fatos que compõem a nossa memória na infância constituem a nossa subjetividade e, de modo geral, são marcados por sons, aromas, sabores, lugares, paisagens... Recorremos, portanto, à busca das reflexões feitas por Freire a partir das suas memórias da infância, que foram rememoradas em alguns de seus escritos, nos quais o homenageado considera que a sua trajetória e suas vivências o levaram a ser o educador que se tornou. A partir dessas memórias infantis, investimos em afirmar que há pedagogias nos quintais, se lá forem oferecidas vivências em que as crianças sintam a vida, os afetos e sejam levadas a ler o mundo. Essas são pedagogias que respeitam a singularidade do ser e do outro!

Entendemos, com base nas elucidações de Freire (2001; 2014), que, para a leitura de mundo (seja no ‘quintal de casa’ ou nas instituições), deve-se levar em conta o universo vocabular



da criança e do contexto onde ela vive para encontrar as palavras e temas centrais e, fundado neles, buscar os significados de determinado tema, a fim de iniciar uma consciência do mundo vivido. O educador segue com a problematização em que tenta superar uma visão mais ingênua por uma mais crítica, dando suporte para a transformação do contexto vivido. Consideramos que brincando, se aprende. Por meio do brincar e das relações que este ato oferece, é possível que haja uma passagem da consciência ingênua para a crítica, sempre tendo em mente o momento do desenvolvimento no qual a criança se encontra.

Essas ideias e lembranças podem povoar outros imaginários, mas, geralmente, escutamos que não é fácil compreender as ideias do nosso pedagogo pernambucano homenageado. Por isso, neste *Catalogando*, criamos um glossário que apresenta 12 conceitos-chave dos escritos de Freire. Neste espaço, tentamos adaptá-los para uma linguagem mais acessível não só para as crianças, mas para todos(as) nós. Para fundamentar esses conceitos, trouxemos citações diretas retiradas das obras de Freire, que nos ajudaram a contextualizar determinada ideia traduzida.

Entendendo que respeitar as infâncias implica respeitar as crianças e suas singularidades, este volume também se propõe a discutir os Direitos de Aprendizagem a partir de uma epistemologia freireana, que sempre evidenciou a necessidade de se ter coerência entre a prática e o discurso, entre o pensar e o agir. Destacamos que a definição, inclusive em alguns documentos legais, de uma criança participativa exige contextos preparados **com ela**.

Assim, alinhamos uma perspectiva mais atual do que se espera em uma prática pedagógica para as infâncias, com os princípios outrora defendidos por Freire em sua pedagogia. Nas lembranças freireanas, que atravessam a sua obra e são recheadas de amorosidade, o autor nos mostrou que a principal perspectiva que adotou foi o que Kohan (2019, 2021), na biografia filosófica que escreve sobre Freire, chama de escola de sentimentos.



Sentir e amar... Talvez seja essa a grande revolução que a obra de Freire nos permite esperar. Ao longo de seus escritos, o pedagogo, hoje uma criança de 100 anos, amou as pessoas, as ideias, a justiça social e a curiosidade, que o manteve sempre na infância.

O amor de Freire pela Educação nos contagia e nos impulsiona, porque ele ama a Educação por amar, acima de tudo, as pessoas e todas as formas de vida. Por isso, manifestamos nosso profundo amor pela infância, pois ela nos permite sempre nascer de novo, renovando as esperanças e a fé de que amar a vida é a única expressão possível de uma educação que seja, de fato, libertadora.



2 PREFÁCIO

Um catálogo de ideias?

Um catálogo de ideias nos é oferecido por um grupo de docentes, técnicos(as) e estudantes dos cursos de Licenciatura do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Trata-se de uma proposta especialmente elogiável na sua tentativa de vencer algumas dificuldades surgidas a partir da pandemia da Covid-19 e de propiciar ferramentas para que as crianças vivenciassem experiências lúdicas em casa. Nobre tarefa, sem dúvidas.

Porém, o título *Catalogando Ideias* provoca, de cara, uma inquietação: podem as ideias serem catalogadas? A pergunta inquieta... Procuo a etimologia para nos ajudar a pensar: catálogo vem do grego, *katalogos*, que é a reunião da preposição *kata*, com o significado “de baixo, de cima para baixo, um por um”, com o conhecido substantivo *logos*, que é relacionado ao verbo *lego*, com o significado de “recolher, reunir, escolher”. *Logos* significa palavra, proposição, definição, expressão, razão e tantas outras coisas... O dicionário informa que *katalogos* significa listagem, registro... Há, inclusive, o verbo *katalego*, que significa escolher, enumerar, expor detalhadamente, registrar e considerar... A inquietação torna-se a possibilidade de pensar, e surgem algumas perguntas: o que de fato está reunindo o *Catalogando Ideias*? Como tem sido feito esse registro? Com quais critérios considera algo como uma ideia (ou como uma não ideia)? Quais escolhas pressupõe e quais propicia o livro-catálogo *Catalogando Ideias*? As perguntas, como sempre, poderiam continuar. São perguntas que sugerem outras perguntas e que ampliam o campo do pensamento. Começamos bem: o título dá muito o que pensar e perguntar.



Alguns esclarecimentos contidos na apresentação do livro ajudam a perspectivar nossas inquietações: não se trata de fazer o improvável e o indesejável, isto é, de fazer com que mães e pais se tornassem professoras(es) de suas (seus) filhos(as), mas que, nos seus lares, estivessem disponíveis recursos lúdicos para que ‘fosse assegurado o direito das crianças de vivenciarem suas infâncias, apesar do necessário distanciamento social’. Essas palavras me emocionam: um livro-catálogo para assegurar o direito à infância das crianças – e, quem sabe, das mães e pais também, se pensarmos que a infância não é uma idade, mas um tempo) –, de modo que, mesmo que o “assegurar” pareça um pouco pretencioso, a tentativa não poderia ser mais justa e necessária: a infância, o tempo da infância, este tempo de brincar, “curiosear”, inquietar-se e sonhar parece, na pandemia, mais ameaçada do que em qualquer outro tempo.

O *Catalogando ideias* já tem vários volumes publicados em 2020, e este volume especial, editado em 2021, é dedicado ao nosso patrono da Educação, Paulo Freire, comemorando os cem anos do seu nascimento. Dizemos “cem anos”, mas também poderíamos dizer “sem anos”, porque Paulo Freire não vive no tempo das idades, e sim no tempo presente da infância. Nada mais justo, apropriado e infantil, então, do que comemorar uma vida menina catalogando ideias e brinquedos, brincando com ideias e ideando brinquedos.

Assim, o *Catalogando ideias* contém lembranças de infância narradas pelo próprio Paulo Freire em algumas das suas obras, um glossário com termos-chave para ler seus escritos e algumas brincadeiras como inspirações para viver uma infância em que se aprende brincando e se brinca de aprender a ler e re-ler o mundo, como se fosse sempre uma primeira leitura.

Os termos/conceitos-chave que o *Catalogando ideias* oferece são: autonomia, círculos de cultura, conscientização e diálogo, cultura, educação bancária, educação, escola, ensinar, inacabamento, liberdade, opressão e professora/professor. Em cada um deles, o livro oferece passagens de Paulo Freire que ajudam a entendê-los, a pensá-los, a problematizá-los, numa sugestão conceitual muito leve, inspiradora, em sintonia com o grande mestre pernambucano.



Tomemos como exemplo o difícil, e nem sempre simpático, termo “conscientização”. O *Catalogando ideias* propõe que tal conceito “é ir se ligando que não tem lógica ou herói que vai salvar o mundo. É a gente que, dialogando com todo mundo, vai perceber...”. O texto segue, mas percebamos esse início: não há heróis ou lógica salvadora; somos nós mesmos, dialogando com todo mundo, que poderemos perceber o que não percebemos; e o “ir se ligando”, que sinaliza um processo contínuo, infinito de tecer conexões com outras pessoas e com o mundo... Crianças de todas as idades agradecem pela tradução precisa e inspiradora. Muitos freireanos de idade avançada poderiam aprender muito com a leitura do *Catalogando Ideias*.

Segue-se uma última seção com atividades brincantes, também inspiradas em Paulo Freire, para consolidar o direito de aprender das crianças de todas as idades: os direitos de conviver, de participar, de brincar, de se conhecer, de explorar e de se expressar. Para cada um destes, são propostas brincadeiras. Assim, o *Catalogando Ideias* termina em grande forma: brincando e propondo brinquedos para afirmar uma vida infantil em crianças de todas as idades.

Agradeço às autoras e aos autores pela oportunidade de ler e brincar com o *Catalogando Ideias*, um livro escrito com amorosidade e sensibilidade freireanas. Um livro para pensar brincando; para brincar pensando. Um livro para “freirear” nosso direito de aprender e de nunca deixar de aprender, em qualquer idade. Um livro para sorrir e para não desistir. Um livro para esperar com outro mundo. Esperançamos também novos volumes do *Catalogando Ideias*. Nossas crianças de todas as idades merecem esse presente.

Walter Omar Kohan

Rio de Janeiro, dezembro de 2021

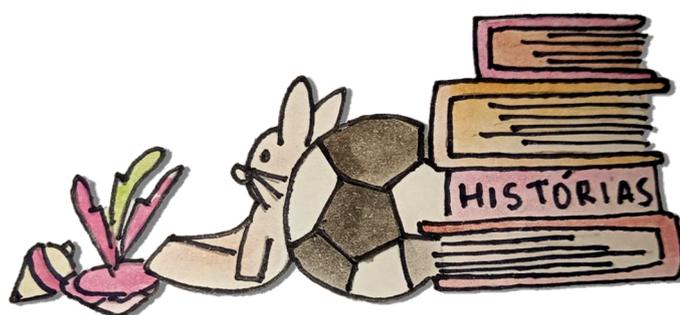
Recém-chegado de viajar 100 (cem/sem) dias pelo Nordeste para comemorar, brincando e perguntando pedagogicamente, os 100 anos de Paulo Freire



Fonte: Kohan (2021).



3 MEMÓRIAS DA INFÂNCIA: FREIRE POR FREIRE



Abordando a importância das nossas memórias, buscamos elementos da criança que Freire diz ter sido ao lembrar sua infância, para evidenciar pedagogias que respeitem a vida e a singularidade do ser. Acreditamos que muitas dessas lembranças e reflexões podem povoar outros imaginários infantis, pois em suas recordações, encontramos marcas necessárias às infâncias, como curiosidade, esperança, diálogo, amorosidade e respeito.



3.1 Nossas memórias e a de Freire: pedagogias dos quintais

Seria impossível escrever sobre Freire e refletir sobre as infâncias sem pensarmos na pedagogia que habita os quintais... Quantos de nós não fomos formados(as) nesse espaço de cores, sabores, segredos e aventuras? E, passeando pelas memórias, quais são os tesouros guardados nesses quintais?

Roseana Murray (1987, p. 6), no poema “Criando Classificados”, nos diz:

[...] Preciso guardar minha infância,
os jogos de amarelinha,
os segredos que me contaram
lá no fundo do quintal
[...]

Andruetto (2017) sugere que a memória se consagra num movimento contínuo, no qual se cruzam forças e lutas, sendo o caminho pelo qual retomamos laços outrora perdidos. Rememorar é, antes de tudo, objetivar a memória. Ao se referir ao termo “memória”, logo se questiona: a memória do quê, de quem ou de onde? Falar em memória é reviver fatos, eventos, impressões ou fragmentos daquilo que se viveu ou sentiu. É como se acessássemos aquilo que está guardado em uma caixa como um tesouro. No poema “Caixa”, Roseana Murray (2014) nos fala dos cheiros e dos encontros que carregamos. Vejamos:



CAIXA

Carregamos pela vida afora
os cheiros dos encontros raros,
dos acontecimentos,
da nossa primeira casa,
do quintal, se houve quintal,
da mãe na cozinha,
dos sonhos quando acordamos.
Se houvesse uma caixa
para guardá-los, seriam
nosso tesouro.



E então, em dias de saudade,
abriríamos nossa caixa
e mergulharíamos
como num túnel do tempo.
(MURRAY, 2014, p. 33)

Com o intuito de ressaltar que as vivências da infância se presentificam no dia a dia da vida, fomos, então, em busca de mergulhar no túnel do tempo, abrindo a caixa das memórias de Freire e seu legado, que é repleta de sentidos, sentimentos, significados e reflexões. Trazemos aqui parte do que encontramos em alguns escritos freireanos, nos quais o autor se ocupou de rememorar uma das suas fases da vida, a infância. Nesse processo, Freire se refere a si mesmo como **o menino da periferia de Recife**. Não sabemos se, de fato, aquilo que expõe foi o vivido, pois não temos o objetivo de historiar ou de investigar sua vida. Temos a intenção de trazer, nesta



homenagem, momentos de uma vida contada por ele mesmo; momentos que o forjaram enquanto pessoa preocupada com o outro e com as questões sociais, que, ao que nos parece, foi iniciada no quintal de sua casa.

Na obra intitulada *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*, Freire (2020), em seu exílio, se debruça sobre suas memórias infantis, abarcando vivências de sua adolescência e juventude. O autor discorre, ainda, sobre seu amadurecimento, tecendo sua trajetória a partir de lembranças de tantas idas e vindas enquanto educador e, sobretudo, enquanto ser que amou o mundo.

Ele relata que uma das formas de se comunicar com a família era por meio de cartas. Dentre os correspondentes para quem mantinha o hábito de escrever frequentemente, a sua sobrinha, Cristina, lhe fez um pedido que o pedagogo recebeu como se fosse um desafio. Pediu a sobrinha, em uma de suas mensagens, que o tio lhe escrevesse cartas falando algo de sua vida, de sua infância, e que, aos poucos, narrasse as idas e vindas pelas quais foi se tornando educador.

Então, narrando as tramas, juntando o olhar do menino e do homem, Freire se debruçou sobre sua infância, atribuindo a este exercício um caráter de curiosidade. Logo no início do livro, Freire (2020) afirma que os olhos com os quais agora revê talvez não sejam olhos com os quais viu aquele momento, mas, ao rememorar seu caminho nas dezoito cartas compiladas, lê a realidade sendo leal ao tempo histórico que se passava quando escreveu sobre o vivido. E, ao repensar o que viveu, explana o surgimento da consciência de um educador.

Ao entrar nestes escritos, refletimos sobre o quanto o que nos é oferecido enquanto vivências na infância pode refletir naquilo que nos tornamos/tornaremos. As lembranças dos momentos com nossos(as) responsáveis, com nossos(as) professores(as) e o que fica guardado enquanto aluno(a): consideramos que as memórias infantis influenciam na constituição de nossa subjetividade.

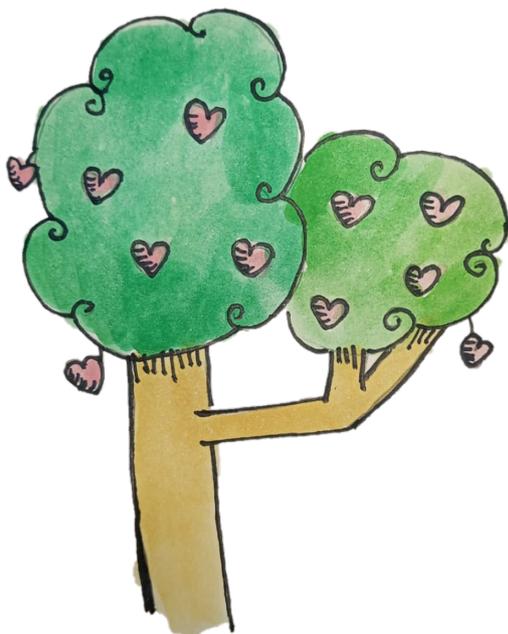


No capítulo “Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos”, da obra *Política e Educação*, Freire (2001) descreve pequenos trechos de sua infância, vivida em Recife. Nesse capítulo, ele pondera que, talvez, o que viveu o levou a ser quem se transformou:

Do que estive sendo como menino do Recife, nascido na década de 20, em família de classe média, acossada pela crise de 29. Menino cedo desafiado pelas injustiças sociais como cedo tomando-se de raiva contra preconceitos raciais e de classe a que juntaria mais tarde outra raiva, a raiva dos preconceitos em torno do sexo e da mulher. (FREIRE, 2001, p. 40)

Afirma nosso menino-homem que não nasceu professor ou marcado para sê-lo, embora a sua infância e adolescência tenham estado sempre cheias de “sonhos”, nos quais raramente se via encarnando uma figura que não fosse a de professor. Ele ressalta: “eu tinha, na verdade, desde menino, um certo gosto docente, que jamais se desfez em mim” (FREIRE, 2001, p. 40).

Freire continua exemplificando que é impossível não perceber que, de sua formação profissional, faz parte o bom tempo da adolescência, vivida na cidade de Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana do Recife, onde jogou futebol com meninos periféricos das chamadas classes menos afortunadas. Ele afirma: “também com eles aprendi o que significava comer pouco ou nada comer” (FREIRE, 2001, p. 40).



No capítulo “À sombra das mangueiras, o giz eram gravetos e o quadro-negro era o chão”, da obra *Partir da Infância* (FREIRE, 2014), em diálogo com Sérgio Guimarães, Freire, mais uma vez, rememora trechos de sua infância em um quintal. Este, sendo precedente ao seu primeiro contato com o ambiente escolar, se transformou em sua primeira escola, ao lado de seus pais: “foi o momento preciso

em que me alfabetizei, com meus pais, à sombra das árvores do quintal da casa em que nasci [...] No Recife, em Casa Amarela, Estrada do Encanamento, 724” (FREIRE, 2014, p. 30).

Ao narrar essa experiência, relembra:

[...] em primeiro lugar eles me alfabetizaram partindo de palavras minhas, palavras da minha infância, palavras da minha prática como criança, da minha experiência, e não das palavras deles. Você veja como isso me marcou, anos depois. Já homem, eu proponho isso! No nível da alfabetização de adultos, por exemplo. [...] o meu giz, nessa época, eram gravetos da mangueira em cuja sombra eu aprendi a ler, e o meu quadro-negro era o chão. (FREIRE, 2014, p. 30)

As lembranças do local são destacadas com detalhes: as mangueiras, onde o pai pendurava a rede, um pedaço de alguns metros que possibilitava o ir e vir da rede e uma área bem limpa no chão.

[...] Minha mãe costumava sentar ao lado, numa cadeira de vime... meu pai balançava-se... Eu tenho no ouvido ainda o ranger, com atrito, da rede... Não que eles tivessem feito daquele espaço a escola minha. E isto é que eu acho formidável: a informação e a formação que me iam dando se davam num espaço informal, que não era o escolar, e me preparavam para este, posteriormente. (FREIRE, 2014, p. 31)

Nos laços e entrelaçamentos destacados por Freire, são dadas a nós pistas de que tudo o que vivemos permanece e constrói nosso caminho. Nos quintais e no dia a dia, há pedagogia, desde que o que é proposto evidencie uma particularidade que é comum àquele tempo em que o ser se encontra em uma condição da própria existência humana – a infância.

Não esgotamos, neste texto, as tantas recordações de Freire sobre seu passado. Entretanto, retomando alguns fragmentos, formamos nossas impressões sobre os eventos narrados e destacamos que seus escritos nos conduzem a pensar em uma criança que deve ser respeitada e compreendida. Subjacente às suas memórias, vemos a compreensão da criança como sujeito político, com direitos que necessitam ser garantidos.



Seus relatos sobre sua infância reafirmam o compromisso ético e de luta por uma sociedade com justiça social que devemos ter em prol de uma educação para as crianças, feita com elas e que, em primazia, assegure a sua participação.

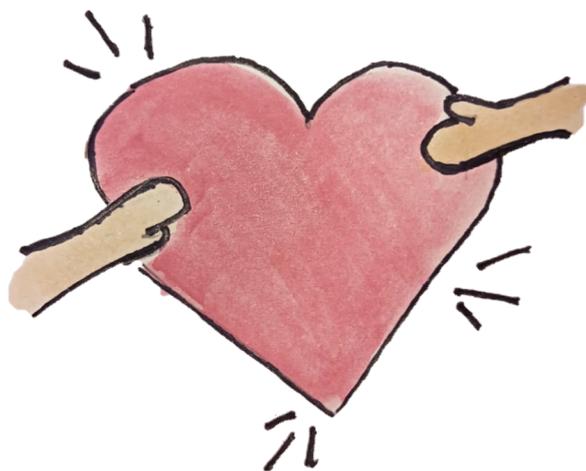
Façamos do nosso quintal (se tivermos) ou dos espaços onde habitamos/trabalhamos um lugar de beleza, um lugar onde transbordam pedagogias que respeitam a vida e a singularidade do ser. Pedagogias estas que, baseadas nos princípios freireanos, nos direcionem a um caminho que coloca o ser no e com o mundo, de forma curiosa, inquieta, lhes proporcionando, no futuro, boas memórias dessa trajetória. A curiosidade é fundamental nesse processo para que as crianças possam aprender o mundo, ressignificando-o por meio das múltiplas linguagens, pelas quais meninos e meninas leem e comunicam este mundo desde que nascem.

A obra freireana denuncia relações autoritárias presentes nas relações da família, da escola e da sociedade para com todos os oprimidos, lugar ocupado, muitas vezes, por crianças. Também defende a urgência de se construir relações horizontais, afirmando as crianças como sujeitos de sua própria vida.

Na sequência, veremos alguns conceitos centrais de Freire que podem nos auxiliar na construção dessa pedagogia outra a que nos referimos. Vamos sonhar e realizar, junto a Freire, uma prática diferente?!



4 FREIRE PARA CRIANÇAS: GLOSSÁRIO FREIREANO PARA A EDUCAÇÃO



Nesta seção, apresentamos uma coletânea de conceitos centrais na obra de Paulo Freire. O princípio geral foi ousar traduzir conceitos-chave do ideário freireano numa linguagem acessível ao universo da Educação. Tentando não fugir da definição proposta pelo pedagogo, buscamos sintetizar suas ideias em termos acessíveis às crianças e a todas as pessoas. Abaixo de cada reflexão, apresentamos citações do próprio educador que servem como maior inspiração à tradução proposta.



4.1 Autonomia



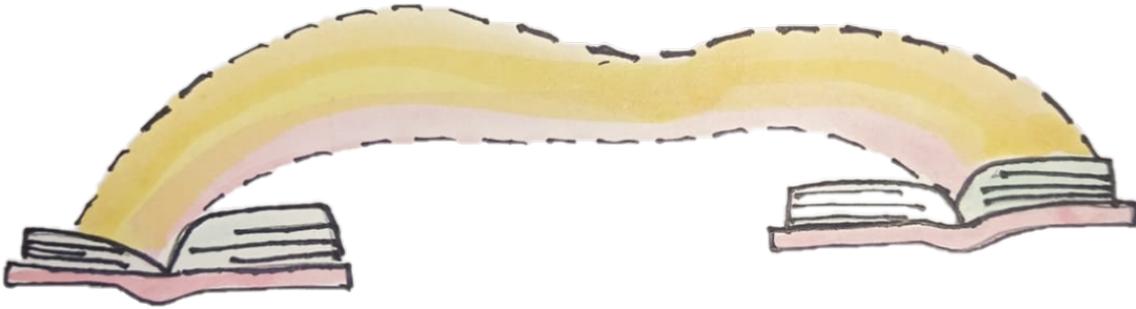
É quando a gente é capaz de decidir as coisas por nós mesmos, com responsabilidade e ética.

Busca na Obra: *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa* (FREIRE, 1996)

“Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos.” (FREIRE, 1996, p. 42)



4.2 Círculo de Cultura



É o nome que Freire dá a quando trocamos a escola e a sala de aula autoritária por uma forma de educação na qual todos têm liberdade, podendo dialogar e pensar livremente.

Busca na Obra: Educação como Prática da Liberdade (FREIRE, 1967)

“Círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a “escola”, autoritária por estrutura e tradição. Busca-se no círculo de cultura, peça fundamental no movimento de educação popular, reunir um coordenador a algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem.” (FREIRE, 1967, p. 4)

“O ponto de partida para o trabalho no círculo de cultura está em assumir a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem.” (FREIRE, 1967, p. 7)



4.3 Conscientização e diálogo



É ir se ligando que não tem mágica ou herói que vai salvar o mundo! É a gente que, dialogando com todo mundo, vai perceber os problemas que estão por aí e apontar soluções. E isso não é rapidão, é um processo! Não tem essa de uma só pessoa dizer a real, é todo mundo trocando ideia.

Busca na Obra: Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987)

“Mas ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo... a intersubjetivação das consciências é a progressiva conscientização.” (FREIRE, 1987, p. 15)

“Na verdade, porém, não é a conscientização que pode levar o povo à ‘fanatismos destrutivos’. Pelo contrário, a conscientização, que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve na busca de sua afirmação.” (FREIRE, 1987, p. 24)

“Precisamos estar convencidos de que o convencimento dos oprimidos de que devem lutar por sua libertação não é doação que lhes faça a liderança revolucionária, mas resultado de sua conscientização.” (FREIRE, 1987, p. 54)

“Desta maneira, a inserção é um estado maior que a emergência e resulta da conscientização da situação. É a própria consciência histórica. Daí que seja a conscientização o aprofundamento da tomada de consciência.” (FREIRE, 1987, p. 102).



4.4 Cultura



É tudo o que a gente cria vivendo uns com os outros, existindo em sociedade. Nessa criação, a gente vai fazendo coisas que tornam o mundo, cada vez mais, um mundo humano.

Busca na Obra: Educação como prática da Liberdade (FREIRE, 1967)

“Não se pretende apenas definir alguns atributos do homem em geral. O que fundamentalmente importa é que estes homens particulares e concretos se reconheçam a si próprios no transcurso da discussão, como criadores de cultura.” (FREIRE, 1967, p. 7)

“A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura.” (FREIRE, 1967, p. 43)



4.5 Educação Bancária



É quando estão achando que a cabeça da gente é um cofrinho em que o professor, os pais ou qualquer pessoa pode colocar as coisas dentro sem dialogar com a gente.

Busca na Obra: Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987)

“Daí que a ‘educação bancária’, que a eles serve, jamais possa orientar-se no sentido da conscientização dos educandos.” (FREIRE, 1987, p. 61)

“A concepção ‘bancária’ nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica; para realizar a superação, a educação problematizadora – situação gnosiológica – afirma a dialogicidade e se faz dialógica.” (FREIRE, 1987, p. 68)



4.6 Educação



A educação não acontece só na escola: ela acontece em todo canto. Ela tenta fazer a gente repetir coisas que outras pessoas querem que a gente aprenda, mas também pode fazer a gente pensar no porquê das coisas e do mundo sem apenas repetir.

Busca na Obra: Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa (FREIRE, 1996)

“Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. Neutra, indiferente a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser. É um erro decretá-la como tarefa apenas reprodutora da ideologia dominante como erro é tomá-la como uma força de desocultação da realidade, a atuar livremente, sem obstáculos e duras dificuldades. Erros que implicam diretamente visões defeituosas da História e da consciência. De um lado, a compreensão mecanicista da História, que reduz a consciência a puro reflexo da materialidade, e de outro, o subjetivismo idealista, que hipertrofia o papel da consciência no acontecer histórico. Nem somos, mulheres e homens, seres simplesmente determinados nem tampouco livres de condicionamentos genéticos, culturais, sociais, históricos, de classe, de gênero, que nos marcam e a que nos achamos referidos.” (FREIRE, 1996, p. 61)



4.7 Escola



É onde as coisas que a gente aprende fora dela devem ser valorizadas e onde os professores e os alunos convivem para aprender uns com os outros.

Busca na Obra: *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa* (FREIRE, 1996)

“Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.” (FREIRE, 1996, p. 16)

“É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado.” (FREIRE, 1996, p. 25)



4.8 Ensinar



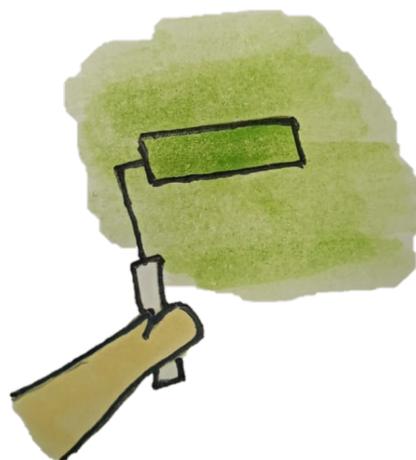
É quando ajudam os(as) alunos(as) a fazerem perguntas e descobertas. Não é achar que o professor é o *modem* e que o aluno só fica a receber.

Busca na Obra: Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa (FREIRE, 1996)

“Ensinar não é transferir conhecimento [...] Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a ele ensinar e não a de transferir conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 27)



4.9 Inacabamento



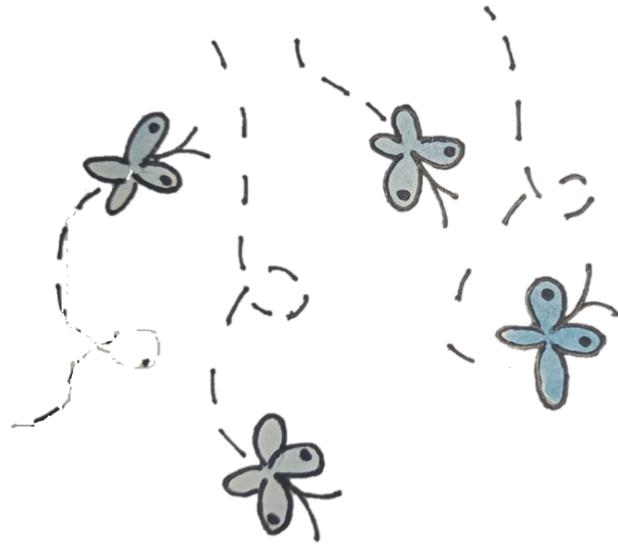
É uma força que toda pessoa tem para ser diferente do que é. Os filhotinhos dos animais também vão ser diferentes quando crescerem, mas apenas o ser humano é que sabe que tem a força de mudar para tornar a si e ao mundo muito melhores. É por essa força que as pessoas e a vida sempre podem ser melhores do que já são.

Busca na Obra: Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987)

“O homem como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do ser mais. A concepção e a prática ‘bancárias’, imobilistas, ‘fixistas’, terminam por desconhecer os homens como seres históricos, enquanto a problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens. Por isto mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade, que sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão.” (FREIRE, 1987, p. 72-73)



4.10 Liberdade



É quando todo mundo que vive na sociedade pode ser um humano completo sem que nada nem ninguém impeça isso e sem ninguém achar que vai dar a liberdade para outra pessoa ou que uma pessoa vai ser livre sem que todo mundo seja.

Busca na Obra: *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987)

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.” (FREIRE, 1987, p. 52)

“Dizer que os homens são pessoas e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objetive, é uma farsa. Da mesma forma como é em uma situação concreta – a da opressão – que se instaura a contradição opressor/oprimidos, a superação desta contradição só se pode verificar objetivamente também.” (FREIRE, 1987, p. 36)



4.11 Opressão

É tudo aquilo que tenta impedir a gente de ativar toda a energia que a gente tem para se tornar um ser humano mais completo. A opressão pode vir de todo jeito e de várias formas, porque, na sociedade em que a gente vive, tem muita coisa que não quer deixar que todos sejam seres humanos completos.



Busca na Obra: Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987)

“Constatar esta preocupação implica, indiscutivelmente, em reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez sobretudo, a partir desta dolorosa constatação, que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização. Ambas, na raiz de sua inconclusão, que os inscreve num permanente movimento de busca. Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada. A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais.” (FREIRE, 1987, p. 30)

“Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.” (FREIRE, 1987, p. 31)



4.12 Professora/professor



É o tipo de trabalho que não existiria sem o aluno. É aquela pessoa que experimenta muita aventura na sala de aula, mas com responsabilidade e sem se repetir.

Busca na Obra: *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa* (FREIRE, 1996)

“Não há docência sem discência.” (FREIRE, 1996, p. 12)

“Como professor crítico, sou um ‘aventureiro’ responsável, predisposto à mudança, à aceitação diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se.” (FREIRE, 1996, p. 28-29)



5 PAULO FREIRE E OS DIREITOS DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS



Nesta seção, trataremos dos direitos de aprendizagem das crianças a partir de uma leitura freireana. Por que as crianças precisam brincar, conviver, explorar, expressar, conhecer e participar?

Vamos colocar as crianças em ação?



Há quem diga que Freire não dedicou seus estudos ao entendimento das crianças, visto que o cerne da obra freireana recaiu sobre a Educação e a Cultura, mais especificamente relacionadas aos jovens e aos adultos. Entretanto, ao nosso ver, a pedagogia freireana é, antes de tudo, uma pedagogia “menina”, como bem pontua Walter Kohan (2021) no recente trabalho *O Menino de 100 anos*.

Consideramos que toda a vasta obra de Paulo Freire nos ajuda a entender as crianças, porque, acima de tudo, nos ajuda a pensar sobre as pessoas de todas as idades e os processos que elas percorrem para se educar, mediadas por este mundo complexo, vivo e dinâmico. Nos ajuda, ainda, a pensar em “uma infância cronológica para uma vida educadora, de qualquer educador ou educadora” (KOHAN, 2019, p. 164).

Freire, pela coerência de sua *práxis*, e por meio de sua epistemologia, nos auxiliou a entender as crianças. Isso fez com que sua filha, Madalena Freire, nos levasse a refletir que “quando se tira da criança a possibilidade de conhecer este ou aquele aspecto da realidade, na verdade, se está alienando-a de sua capacidade de construir conhecimento [...] porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir e eu não posso comer ou dormir por alguém” (FREIRE, 2007, p. 15).

Não, não há dúvidas de que a pedagogia freireana é uma pedagogia das pessoas, todas elas, incluindo os adultos e as crianças. Conforme já destacamos neste volume, a própria infância de Freire foi objeto vasto de suas reflexões, e, através de suas recordações, pudemos encontrar marcas necessárias nas infâncias: curiosidade, esperança, diálogo, amorosidade, respeito... Encontramos, ainda, na obra de Freire, a certeza de que sua “infância cronológica não é falta, mas presença em seu presente” (KOHAN, 2019, p. 167).



Talvez esta seja uma das grandes contribuições desse mestre pernambucano: nos mostrar que as infâncias permanecem vivas, potentes e ativas em nós, mesmo quando o tempo cronológico da infância se vai. Por isso, respeitar os direitos das crianças na infância cronológica é um respeito ao humano em geral, porque nós podemos sair das infâncias, mas as infâncias jamais sairão de nós.

Respeitar as infâncias e, com isso, as pessoas é respeitar seus direitos de serem reconhecidas em suas singularidades. Justamente por isso, é preciso reconhecer que as crianças possuem direitos variados, tais como conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se (BRASIL, 2017). Embora tais direitos sejam construções contemporâneas, marcas das discussões curriculares atuais, estão presentes na obra freireana, dado que, mesmo de uma forma peculiar, consideramos que o patrono da educação já os defendia.

Essa perspectiva revela um grande avanço na compreensão da educação das crianças, uma vez que coloca meninos e meninas no protagonismo do processo educativo, tal como defendia Paulo Freire, entendendo-se que o respeito aos direitos das crianças é fundamental para sua formação subjetiva, identitária e cultural.



5.1 Direito de conviver



A infância, tão presente nas recordações de Paulo Freire, é narrada, muitas vezes, a partir do episódio no qual ele, por questões econômicas, se muda de Recife – onde se alfabetizou, no bairro de Casa Amarela – para Jaboatão dos Guararapes. Nesta nova cidade, não apenas uma nova morada se apresenta para Freire, mas, sobretudo, novas relações com outras crianças.

Sobre essa etapa da sua vida, na obra *Cartas a Cristina*, Freire (2020) define a si mesmo e a seu irmão como “meninos conjunção”, porque eles eram crianças que serviam de elo entre classes sociais (meninos da classe social dos que comem pouco e meninos da classe social dos que não comem). É por isso que Kohan (2019, p. 172-173) nos explica que meninos conjunção são aqueles que possuem uma “infância apaixonada e interessada pelas uniões, pelas reuniões, pelas ligações, pelos laços. Nesse caso específico, entre duas realidades sociais marcadamente dessemelhantes”.



Ora, como não admirar a infância como laço? Como não admirar a infância como uma oportunidade de nos libertar de nós mesmos para enxergarmos o outro em sua completude, em sua diferença, em sua semelhança?

Ao ter assegurado o direito de conviver, as crianças ampliam suas possibilidades relacionais, participando de pequenos e grandes grupos, refletindo sobre o necessário respeito às diferenças, construindo diferentes identidades e desenvolvendo o sentimento de pertença étnico-racial, de classe, de gênero e de religião. Tudo isso de forma articulada aos distintos contextos socioculturais nos quais as crianças estão inseridas, a partir de situações comunicativas reais que se pautam pelo respeito mútuo e pelo diálogo.

Na prática, podemos assegurar esse direito às crianças de muitas formas. Uma delas é percebendo com os pequenos e as pequenas a existência de realidades diferentes das suas, tanto no aspecto geográfico quanto nos aspectos político, social e cultural. Inserir textos literários de diferentes regiões, personalidades de diferentes gêneros e etnias, brinquedos de diversas culturas são oportunidades de conviver com outras formas de ser, distintas das que já conhecemos.

É importante que as crianças possam não somente conhecer outras realidades, mas, sobretudo, vivenciar experiências reais, nas quais esses diferentes encontros com a diversidade possam ser palco para construção da alteridade.

- Reconhecendo a importância da diversidade através das brincadeiras, sugerimos a proposta abaixo.



5.1.1 Brincadeira: o desenho mais bonito do mundo¹



Idade indicada: a partir de 5 anos.

Materiais:

- canetinhas variadas e coloridas;
- papéis coloridos;
- cola;
- tinta;
- cordões variados;
- lantejoulas ou outros materiais variados.

Como brincar?

¹ Proposta por Camargo (2020) retirada do site Tempo Junto. Disponível em: <https://www.tempojunto.com/>. Acesso em: 28 nov. 2021.



Peça para a criança fazer um desenho bem bonito, da forma como ela quiser. Para isso, entregue variados materiais que ela possa usar, com diferentes texturas, cores etc. Deixe a criança fazer a arte que desejar.

Em seguida, proponha que ela faça outro desenho, mas, agora, entregue materiais de uma única cor. Por exemplo, quatro ou cinco canetinhas da mesma cor, sete gizes de cera da mesma cor, papéis e fitas da mesma cor etc.

Ao final, observe as obras e identifique o que elas transmitem. Pergunte à criança de quais ela gostou mais. Pergunte qual é a mais alegre e que chama mais a atenção. É importante que ela perceba o quanto a diversidade de recursos constrói mais possibilidade de emoções do que o material monocromático.



5.2 Direito de participar

Outro direito de aprendizagem que deve ser assegurado às crianças é o da participação. Isso porque defendemos que todos precisam ser reconhecidos como sujeitos epistêmicos e, portanto, a participação deverá ser assegurada como condição para expressão e existência. A partir do momento que a criança participa, de forma ativa, das experiências propostas, ela tem a sua dignidade reconhecida, podendo se desenvolver com a autonomia necessária para a conquista da liberdade.



Infelizmente, embora a participação seja um direito, nem sempre ela é assegurada aos diferentes sujeitos, muito menos às crianças. Freire (1987), na consagrada obra *Pedagogia do Oprimido*, destaca que a educação bancária é um modelo educacional caracterizado por uma educação conteudista, em que o(a) aluno(a) apenas recebe informações, já que é considerado um sujeito passivo. Nessa perspectiva, não há participação, mas, sim, submissão a um modelo previamente definido por outrem.

A grande crítica feita por Freire à educação bancária é o fato de essa proposta ser caracterizada por “retalhos da realidade desconectados da tonalidade em que se engendram e em cuja visão ganha significação” (FREIRE, 1987, p. 57). Na educação bancária, a experiência não é vivida, ela é sempre narrada por outro mais experiente. Nessa proposta, não há atividade do sujeito, mas, sim, passividade e conformismo, que favorecem a perpetuação de modelos, e não a construção de outras realidades possíveis.

Contrariando tal modelo educacional, Freire defendeu a necessidade da participação de todos os sujeitos, caracterizando o diálogo como possibilidade privilegiada de participação. Isso porque o diálogo deve considerar os diferentes sujeitos, inserindo-os ativamente nos processos de



construção de conhecimento. Tal defesa parte da compreensão de que “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (FREIRE, 2014, p. 17).

É justamente a partir do pressuposto de que o diálogo precisa ser autêntico e de que é uma necessidade existencial de todos os humanos que se reconhece a necessária participação das crianças – desde sempre – nos processos educacionais. É preciso lhes dar voz, mas, principalmente, é preciso ouvi-las com respeito, acolhimento e empatia.

Muitas vezes, as crianças são consideradas sujeitos que não sabem ou, ainda, que têm pouco a dizer, e suas falas são, facilmente, interrompidas ou transformadas em “gracinhas” das quais os adultos sorriem tranquilamente. A esse respeito, Carvalho e Berle (2021) chamam a atenção para o quanto as ações inadequadas dos adultos não favorecem a participação das crianças. Mais que isso, as autoras nos advertem sobre a maneira como as crianças são subestimadas, evidenciando que desprezar ou minimizar as falas infantis são atos de opressão que colocam os adultos acima das crianças em relação à dignidade e saberes.

Ao contar sobre um discurso de uma criança diante de adultos, as autoras trazem o seguinte relato: “Elisa, uma criança de 4 anos, pega o microfone e de forma segura diz: mexer no armário. A plateia de adultos ri, com muita graça, da fala da pequena Elisa. A menina se cala e passa o microfone adiante” (CARVALHO; BERLE, 2021, p. 15).

Sabemos que essa forma de atuação dos adultos diante das falas infantis não foi “privilegio” da pequena Elisa. Quantos de nós não sorrimos diante do inusitado dito pelas crianças? Ocorre que essa postura é deveras inadequada, pois “rir assim, quando as crianças usam suas vozes, pode ser uma forma de evitarmos sair dos nossos próprios lugares, de continuarmos agarrados às nossas certezas, e de insistirmos em ficar epistemológica e politicamente distantes delas” (CARVALHO; BERLE, 2021, p. 16).

Assim, defendemos que o direito à participação deve ser amplamente garantido às crianças, promovendo a liberdade de ser o que ela é, se posicionando como indivíduo e



aprendendo com outros. Por isso, não basta dizer às crianças: falem! É preciso abrir propostas reais de diálogo para que, mediadas pelas relações com os outros, elas possam aprender a falar.

- Reconhecendo a importância da participação através das brincadeiras, sugerimos a brincadeira a seguir.

5.2.1 Brincadeira: estações dos sentimentos

Idade indicada: a partir de 4 anos.

Materiais necessários:

- som;
- roupas variadas;
- papéis;
- lápis coloridos, entre outros materiais.



Como brincar?

Para realizar a brincadeira, é necessário que a criança escute a música “As Quatro Estações”, de Vivaldi (ANTONIO VIVALDI..., 2021). Após a escuta, peça para que ela imagine como seria se cada uma das estações representasse um personagem. Elas podem criar diferentes bonecos para cada estação.



Você encontra a canção no QR Code ao lado:



Acesse a canção!



Estimule a criatividade da criança, fazendo alguns questionamentos sobre cada personagem, por exemplo:

“Que roupas a primavera usaria?”

“Qual seria seu tom de voz?”

“Como seria seu jeito de andar?”

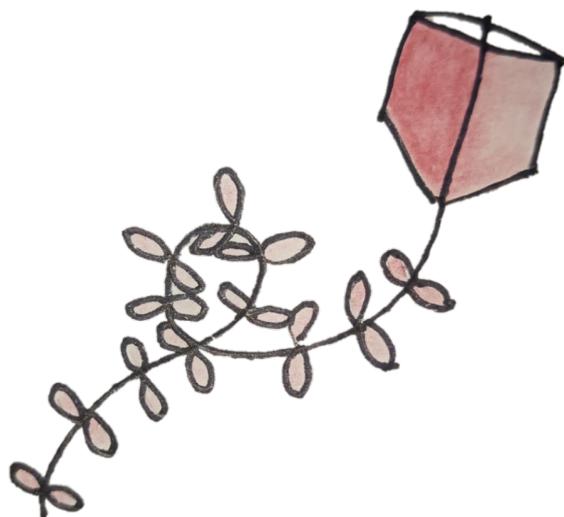
“E o Inverno? Teria muitos amigos ou seria alguém mais introvertido?”

Após criar cada personagem, a criança pode falar sobre o que sentiu em cada uma das canções, a fim de identificar por que acreditou que as personagens eram dessa ou daquela forma.

É importante que todas as crianças possam participar, destacando suas impressões e emoções. Todas as falas devem ser acolhidas e refletidas, favorecendo a segurança da participação no grupo.



5.3 Direito de brincar



A brincadeira é, antes de tudo, a linguagem da criança. É através do brincar que a criança se expressa e constrói sua identidade pessoal e coletiva. Por isso, lhe assegurar o direito à brincadeira é, acima de tudo, assegurar às crianças o direito de serem quem são, com todas as suas linguagens e formas de expressão.

Brincando, a criança expressa sua particularidade, descobre ações prazerosas, compartilha experiências e interage, sente e expressa valores e emoções, constrói sua identidade, explora diferentes linguagens, faz uso do corpo e da imaginação, pondo-se, inteiramente, em plena atividade relacional. Em razão disso, a brincadeira é um direito pleno na infância, devendo ocorrer de diferentes formas, em distintos espaços, com diferentes parceiros. É justamente através do brincar que a criança pode modificar suas percepções em relação aos objetos de conhecimento, construindo cultura e sendo também construída por ela.

A partir dessa compreensão, defendemos que assegurar a brincadeira à criança é, então, lhe assegurar o direito à infância, dado que a forma como cada uma delas brinca expressa a cultura própria das infâncias que vivem. Destacamos, ainda, que compreendemos “a cultura como aquisição sistemática da experiência humana” (FREIRE, 1967, p. 108) e, por isso, como a forma de viver e de existir em uma determinada realidade concreta.

Brincar, então, é o direito de poder ser criança, existindo de uma forma particular no mundo. Ainda, brincar seria, à luz do que pensamos a partir de Freire, uma expressão da infância,



se compreendermos que “na infância há pouco passado e um futuro aberto, indefinido; o tempo da infância é o presente” (KOHAN, 2019, p. 193). Enquanto brincam, as crianças se conectam com o presente de serem quem são, por causa disso a brincadeira, em tempo presente e sendo presente, é preciosa para as crianças de todas as idades, sobretudo para aquelas cujo tempo cronológico ainda habita a infância.

- Reconhecendo a importância das brincadeiras para experiência da infância, sugerimos a brincadeira a seguir.

5.3.1 Brincadeira: amarelinha

Idade indicada: a partir de 4 anos.

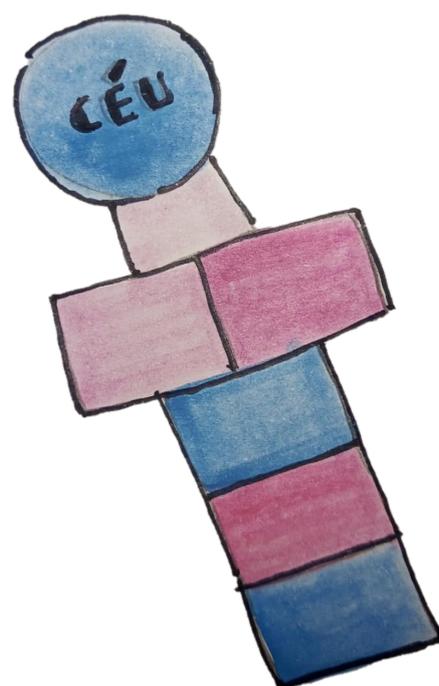
Materiais necessários:

- Giz para desenhar a amarelinha e pedrinha para brincar.

Como brincar?

A amarelinha é uma brincadeira que une diferentes infâncias, sejam as infâncias do tempo presente, vividas pelas crianças, sejam as infâncias de quem não habita mais o tempo presente dos primeiros anos de vida.

Por isso, se aventurar na brincadeira pode ser uma boa forma de conectar distintas infâncias, afetos e emoções, construindo laços de respeito e de amorosidade entre adultos e crianças. Para brincar, desenhe a amarelinha no chão com um giz. Um participante deve jogar a



pedra na casa de número 1 e pular a amarelinha com um pé em cada casa, sem pisar naquela em que a pedrinha está nem nas linhas desenhadas ou fora das casas.

Ao voltar, fazendo o trajeto contrário, deve obedecer às mesmas regras. Quando chegar à casa do número que antecede a que está com a pedrinha (no caso, a de número 2), o participante deve se abaixar sobre uma perna só, pegar a pedrinha e pular a casa de número 1, finalizando sua jogada.

Cada participante faz suas jogadas, respeitando a sequência numérica, até chegar ao “céu”, que vem após a última casa numerada. Se, em sua jogada, o participante não acertar a pedrinha na casa que deveria, se a pedra cair nas linhas ou fora da amarelinha ou se pisar na linha ou fora da casa, ele deve passar sua vez a outro participante. Mas, quando chegar novamente o seu turno, continuará de onde parou.



5.4 Direito de se conhecer

Dentre tantos conceitos discutidos por Freire, podemos evidenciar a conscientização como central na sua obra. Para o pedagogo, é mediante a conscientização que as pessoas assumem o compromisso histórico e social com o mundo onde habitam, sendo capazes de compreender o papel individual e coletivo de cada pessoa. Na perspectiva freireana, há possibilidades concretas de transformação social, implicando, para isso, modificações nas pessoas, o que requer a conscientização.



Apenas assegurando o direito às crianças de se conhecer poderemos pensar em processos de conscientização. Esse direito é, necessariamente, um pilar para a construção de uma identidade positiva, podendo ser assegurado através de variadas experiências, nas quais as crianças podem interagir consigo mesmas, conhecer seus corpos, suas preferências, seus desejos, suas histórias e a suas relações com o mundo físico, histórico e social.

Como um processo de conscientização requer também a perspectiva do meio, é preciso considerar a criança nos contextos nos quais ela está inserida, percebendo-a como um sujeito que vive determinada infância. Assim, quando falamos da primeira infância, o direito a se conhecer é uma garantia do reconhecimento de quem se é, podendo a criança se perceber num *continuum* movimento de busca de si mesmo(a) num mundo natural e social.

Essa busca em torno de se conhecer demanda, necessariamente, se compreender enquanto inconcluso(a), como pontua Freire em muitos de seus escritos. Ao nos conhecermos, nos



tornarmos livres de quem deseja nos dizer o que somos ou dos modelos que nos são postos, sendo possível nos constituir de forma autônoma e crítica.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987) destaca o autoconhecimento como necessário ao processo de libertação dos sujeitos. Destaca esse processo como sendo um parto doloroso, através do qual o homem nascerá de novo. É por isso que o autoconhecimento deve ser assegurado como direito às crianças, de modo que elas, grávidas de si mesmas, possam se conectar com suas essências, seus desejos, suas necessidades, se reconhecendo como parte de um mundo no qual elas são influenciadas e, ao mesmo tempo, influenciam.

Conhecer-se é, também, se reconhecer parte de algo maior, e não o todo. É saber-se como habitante do mundo, e não como o mundo inteiro... É sentir-se como laço, como nos aponta Freire (1987, p. 37), observando que “não há um sem os outros, mas ambos em permanentes integração”. As crianças que habitam o tempo cronológico da primeira infância precisam da colaboração do adulto para se perceberem na relação com os outros. Isso porque, egocêntricas, em função das suas condições de desenvolvimento (cognitivas e afetivas), precisam de oportunidades para se reconhecer na relação com os outros.

Mais ainda porque, como bem destacou Freire (2014), o conhecimento – incluindo o autoconhecimento – é social e histórico. Dessa forma, “o sujeito que conhece está histórica e socialmente limitado no ato de conhecer. E esses limites são sociais e não, apenas, individuais” (FREIRE, 2014, p. 140). Isso significa dizer que as crianças, todas elas, aprenderão, sobre si mesmas, determinadas formas de ser marcadas por variadas dimensões: étnicas, políticas, de gênero, de classe etc.

Justamente por isso, as experiências educacionais de autoconhecimento precisam ser libertadoras, sobretudo no sentido de pensar em dimensões éticas que incluam todos(as) como sujeitos de direitos. Romper com estereótipos de gênero que definem lugares a serem ocupados por meninos e meninas e/ou pessoas de diferentes etnias, diversificar as etnias e os gêneros de



autores literários trabalhados na escola e valorizar a diversidade de experiências e sensações são algumas das muitas possibilidades de se viver experiências de autoconhecimento que favoreçam a conscientização das crianças.

- Reconhecendo a importância do autoconhecimento nas brincadeiras, sugerimos a sequência abaixo.

5.4.1 Brincadeira: somos todos diferentes

Idade indicada: a partir de 4 anos.

Materiais:

- recortes de jornais, de revistas ou de livros que tragam partes que compõem os rostos das pessoas: olhos, nariz, boca, sobrancelha, testa, entre outras.

Como brincar?

Escolha e recorte de revistas ou livros várias partes de rostos. Leve os recortes para as crianças e os espalhe. Cada criança deverá desenhar um contorno de rosto usando a cor de pele que desejar. Em seguida, usando cola, as crianças deverão montar rostos utilizando o contorno que desenharam e as partes que escolheram de recortes disponíveis. Cada criança deverá montar o rosto da forma que achar mais adequada.

Ao final, as produções deverão ser expostas e todas as crianças poderão observar o que foi feito. É importante que as crianças percebam que todas as produções ficaram diferentes porque todas as pessoas são diferentes.



5.5 Direito de explorar



Certamente, uma das marcas mais profundas de Freire é a sua paixão pelos mundos vividos das pessoas. Toda a sua experiência afetiva familiar é sempre lembrada em seus escritos quando descreve afetuosamente suas lembranças, especialmente aquelas relacionadas às suas primeiras experiências com a alfabetização no quintal de sua casa, na cidade do Recife, conforme já apresentamos nesta edição.

Entre os ícones das memórias freireanas, estão a mangueira, capaz de gerar a sombra para suas reflexões; a afetuosidade do respeito, manifesta através de sua mãe e de seu pai; a oportunidade, que ele avaliava como privilegiada, de continuar vivendo a criatividade e a curiosidade na relação que estabelecia com a professora Eunice na primeira escola particular que frequentou.

Sim, Freire relembra suas primeiras experiências como fundamentais para o educador que foi ao longo da vida, compreendendo que o tempo da infância permaneceu nele por toda a sua existência. Justamente por esse motivo, Paulo Freire certamente influenciou diretamente os estudos de seus filhos, dentre os quais citamos Madalena Freire, que se dedicou à paixão de conhecer o mundo na infância.

Para Madalena Freire (2007), as crianças aprendem porque exploram e, conseqüentemente, as experiências propostas para e com as crianças devem considerar seus interesses, através de situações nas quais os pequenos e as pequenas discutem, exploram, expressam e constroem conhecimentos sobre si mesmos(as), sobre os outros e sobre o mundo.



Inspirada pelo pai, Madalena Freire (2007, p. 29) defende que “é através da ação, do testar, do usar suas capacidades, que o pensamento se desenvolve”. Com isso, a filha do patrono da educação, influenciada pelas tantas aprendizagens que teve com o pai ao longo da vida, destaca que “é fundamental que as crianças tomem consciência do que elas estão fazendo, conquistando, estão se apoderando de seus processos de conhecimento” (FREIRE, M., 2007, p. 45).

Em razão disso, em “A Paixão de Conhecer o Mundo”, clássica obra de Madalena Freire (2007), há um resgate da importância do protagonismo das crianças, incentivando-se que elas percebam o mundo, se debrucem sobre ele, o questionem e, com isso, o compreendam.

Madalena Freire destaca que, numa proposta na qual as crianças são protagonistas, é preciso que o adulto lhes propicie as condições para que, ativamente, possam se desenvolver, crescer e aprender. Assim, é preciso destacar que a exploração, aqui defendida pela filha de Paulo Freire, não é a dominação. Contrariamente, embora a semântica nos confunda, o direito de explorar está associado ao direito de conhecer, de compreender, de se libertar num mundo que se conhece porque se compreende.

Desse modo, oferecer brincadeiras que permitam às crianças uma compreensão crítica do mundo é algo que urge, no sentido de favorecer a conscientização e a emancipação de todos(as).

- Reconhecendo a importância da exploração para experiência da infância, sugerimos a brincadeira a seguir:



5.5.1 Brincadeira: carimbando com a natureza



Idade indicada: a partir de 3 anos.

Materiais:

- tinta colorida;
- papel;
- folhas e galhos;
- pedras;
- frutas, legumes etc.

Como brincar?

As crianças devem ser chamadas a explorar o espaço aberto, entrando em contato com a natureza e conhecendo diferentes tipos de folhas, galhos, pedras etc. Nesta exploração, elas poderão coletar materiais diversos e, após recolherem uma boa diversidade, poderão iniciar a brincadeira.

Para começar a carimbar, devem ser despejadas tintas diversas em pratos, nos quais as crianças possam mergulhar os objetos, transferindo-os para o papel e realizando o carimbo. Caso optem por usar frutas ou legumes, estes deverão ser cortados ao meio para que possam ficar planos, o que é mais adequado para a produção do carimbo.



5.6 Direito de se expressar

Segundo Paulo Freire, uma educação política parte do princípio de que o mundo pode ser de outra maneira (KOHAN, 2019). Para isso, o autor nos chama a pensar que educar consiste em colocar em questão as coisas do mundo, problematizando as relações e os fatos que marcam nossa existência. Como podemos pensar em questionar o mundo sem que possamos nos expressar, sem que sejamos capazes de manifestar, nas experiências cotidianas, nossas formas de estar e pensar no mundo?



Em toda discussão que fazia sobre o diálogo, Paulo Freire defendia o direito à expressão como fundamental a todos os sujeitos, reconhecendo que as múltiplas expressões são leituras do mundo. Sim, Paulo Freire nos ensinou que é preciso ler o mundo, sobretudo para que possamos pensar em formas de expressá-lo através de inúmeras linguagens, tais como a poesia, as artes, as ciências etc.

É nesse sentido também que a expressão é defendida como um direito para as crianças, a fim de que elas sejam capazes de “expressar como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens” (BRASIL, 2017, p. 38).

Nessa direção, as crianças precisam se compreender como produtoras de cultura e, conseqüentemente, ser capazes de se expressar nas distintas ocasiões, de múltiplas formas. Isso porque a expressão permite às crianças pensarem em formas de alteração da materialidade do mundo, condição necessária para que assumam seus protagonismos.

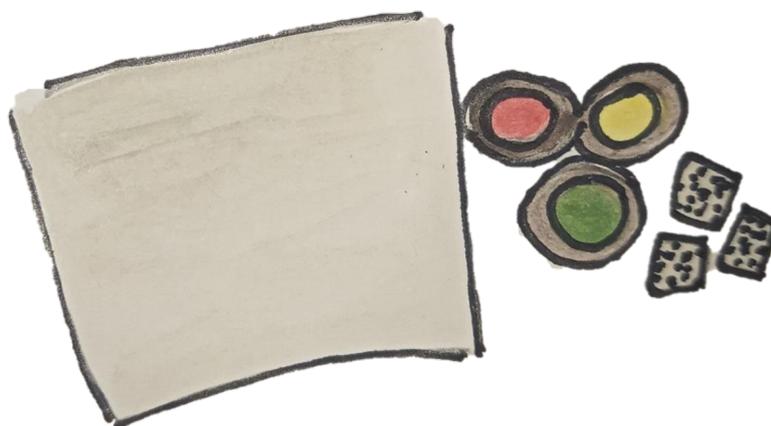
Expressar-se é imaginar formas de ser, pois “a imaginação, no cotidiano, abre portas para



aquilo que ainda não existe” (BARBIERI, 2021, p. 22) e que, portanto, precisa ser criado. Sem que sejam possibilitadas experiências expressivas às crianças, que favoreçam novas produções, dificilmente se pode pensar em potencialidade criativa de reconstrução social, como esperançou Freire.

- Reconhecendo a importância de se expressar na infância, sugerimos a sequência abaixo.

5.6.1 Brincadeira: releitura



Idade indicada: a partir de 3 anos.

Materiais necessários:

- exemplar da obra de arte escolhida;
- cartolina;
- tintas;
- bucha (de lavar pratos) cortada em quadradinhos;
- pregadores de roupa.



Como brincar?

Oriente a criança a escolher uma obra de arte. Podem ser apresentados diversos quadros para que elas consigam identificar o que mais apreciam, realizando, em seguida, a leitura da peça escolhida. Neste momento, o adulto poderá instigá-las com perguntas como “o que você vê nesta imagem? Quais cores o(a) artista utilizou?”.

Em seguida, é hora de colocar a mão na massa! Com as tintas já colocadas em recipientes individuais para cada cor, a criança precisará pegar um pedaço de bucha com os pregadores, colocá-lo na tinta desejada e começar sua releitura.

As releituras não precisam ficar exatamente iguais à obra do artista, pois cada pessoa tem uma visão estética e uma maneira de utilizar as cores e formas diferentes. O importante é a criança expressar sua criatividade e seu potencial artístico.



REFERÊNCIAS

- ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução**. Edições Sesc: São Paulo, 2017.
- ANTONIO Vivaldi. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (44min 31s). **AS QUATRO ESTAÇÕES - Antonio Vivaldi - Camerata Florianópolis**. Publicado pelo canal Camerata Florianópolis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DTTA-EpRWt0>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- BARBIERI, Stela. **Territórios da Invenção: ateliê em movimento**. São Paulo: Jujuba, 2021.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **História do menino que lia o mundo**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 set. 2021.
- CAMARGO, Patrícia. Dicas de brincadeiras para mostrar a seus filhos como respeitar as diferenças. //:TEMPO JUNTO. 15 jan. 2020. Disponível em: <https://www.tempojunto.com/2020/01/15/dicas-de-brincadeiras-para-mostrar-a-seus-filhos-como-respeitar-as-diferencas/>. Acesso em: 28 nov. 2021.
- CARVALHO, Magda; BERLE, Simone. Ouvidos de ouvir crianças: escutar das crianças tudo o que ainda não sabemos. //:KOHAN, Walter. **Paulo Freire: um menino de 100 anos**. Rio de Janeiro: NEFI, 2021.
- FREIRE, Madalena. **A Paixão de Conhecer o Mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Organização e notas Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2020. [recurso eletrônico].
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Partir da infância: diálogos sobre educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. [recurso eletrônico].

KOHAN, Walter. **Paulo Freire: um menino de 100 anos**. Rio de Janeiro: NEFI, 2021.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica**. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

KOHAN, Walter. **Encontro com crianças e educadoras em Fortaleza**. [Fortaleza], 26 out. 2021. Instagram: @kohanwalter. Disponível em: <https://www.instagram.com/kohanwalter/>. Acesso em: 10 dez. 2021. 1 imagem digital.

MURRAY, Roseana. **Cinco Sentidos e Outros**. Belo Horizonte: Abacatte, 2014.

MURRAY, Roseana. **Classificados poéticos**. Belo Horizonte: Miguilim, 1987.



VOLUME 7

Edição Especial
Centenário de Paulo Freire



APOIO

